

FATORES DETERMINANTES DA GERAÇÃO DE RIQUEZA DE COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS

FATORES DETERMINANTES DA GERAÇÃO DE RIQUEZA DE COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS

Jacyara de SOUZA
UFMS

jacyara.souza@ufms.br

Rosamaria Cox MOURA-LEITE
UFMS

rosamaria.leite@ufms.br

Matheus Wemerson Gomes PEREIRA
UFMS

matheus.pereira@ufms.br

José A. Moura ARANHA
UFMS

jose.moura@ufms.br

Márcia Maria dos Santos Bortolucci ESPEJO
UFMS

marcia.bortolucci@ufms.br

Recebido em 05/2020 – Aprovado em 04/2021

Resumo

Estudos realizados apontam para necessidade de aperfeiçoamento no tratamento contábil das organizações cooperativas tendo em vista a sua singularidade, objetivando poder demonstrar o efetivo impacto econômico e social causado por essas entidades. Nesse contexto, esta investigação busca examinar os fatores determinantes na geração de riqueza das cooperativas agropecuárias do Estado de Mato Grosso do Sul, por meio da análise da Demonstração de Valor Adicionado de tais entidades. Os resultados demonstram que em relação a distribuição da riqueza, a maior parte é destinada aos empregados, em média 43%; quase na mesma proporção está a contribuição designada ao governo, em média 42%. Quanto à relação entre desempenho econômico-financeiro das cooperativas e a criação de riqueza, os resultados indicam que o tamanho da organização é positivamente relacionado à geração de riqueza, enquanto que a alavancagem da cooperativa demonstrou relação negativa em relação à criação de riqueza.

Palavras-chave: Valor Adicionado, Cooperativas, Geração de Riqueza, Desempenho.

Abstract

Studies carried out point to the need for improvement in the accounting treatment of cooperative organizations in view of their uniqueness, aiming to be able to demonstrate the effective economic and social impact caused by these entities. In this context, this investigation seeks to examine the determining factors in the generation of wealth of agricultural cooperatives in the State of MatoGrosso do Sul, through the analysis of the Statement of Added Value of such entities. The results show that in relation to the distribution of wealth, the majority is destined to employees, on average 43%; almost the same proportion is the contribution assigned to the government, on average 42%. As for the relationship between the economic and financial performance of the cooperatives and the creation of wealth, the results indicate that the size of the organization is positively related to the generation of wealth, while the leverage of the cooperative showed a negative relationship in relation to the creation of wealth.

Key words: Value Added, Cooperatives, Wealth Generation, Performance.

Keywords:

INTRODUÇÃO

As organizações cooperativas operam em todos os setores da economia, movimentando cerca de US\$ 1,1 trilhão, dados obtidos para o ano de 2008, segundo Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - FAO. (FAO, 2012) Tais organizações são consideradas singulares, uma vez que possuem diferentes características das demais organizações inseridas no mercado, principalmente, pelo foco no associado e ênfase econômica alinhada à preocupação social, de acordo com a InternationalCo-Operative Alliance (ICA, 2013).

As cooperativas combinam características de associação e de empresa, acarretando muitas dificuldades aos seus gestores, pois ao priorizarem o aspecto associativo, correrão o risco de encontrar problemas na gestão financeira da empresa; se considerarem apenas o aspecto empresarial, poderão distanciar-se dos cooperados e esquecer as finalidades sociais da cooperativa. O equilíbrio entre ambos os enfoques, seria considerado o ideal para a atividade. Desta forma esse equilíbrio poderia ser verificado através da mensuração da atividade social e da atividade econômico-financeira (PINHO, 1986).

Segundo Schneider (1984), a maioria das organizações cooperativas preocupa-se em avaliar permanentemente e periodicamente apenas sua dimensão econômica, não considerando que é também uma sociedade de pessoas, que usa a própria organização econômica e a eficiência como instrumentos para melhor prestar serviços a seus associados e à comunidade.

Diante da necessidade de mensurar o desempenho das cooperativas de forma eficiente e de acordo com suas características surgem abordagens sociais como metodologia da pesquisa da contabilidade. Como De Luca (1991) apresenta, o objetivo da contabilidade em um âmbito social, é fornecer informação para permitir uma avaliação do efeito de determinada organização econômica sobre a sociedade.

Dentre as demonstrações contábeis tidas como tradicionais, de acordo com Londero (2015), à única que é explorada sob um enfoque social é a Demonstração do Valor Adicionado (DVA) observando que essa demonstração evidencia a distribuição do valor adicionado entre agentes que interagem para a formação da riqueza da entidade. A DVA considera as interações com os consumidores e fornecedores na formação do

valor adicionado, uma vez que, os consumidores satisfazem suas necessidades por meio da compra de bens produzidos e serviços prestados, estes por sua vez são produzidos com base nos materiais e serviços proporcionados pelos fornecedores. (LONDERO, 2015)

Dessa forma e tendo em vista a importância da atividade agropecuária para a região Centro-Oeste do país, e baseado no entendimento de que as cooperativas agropecuárias são importantes aos produtores rurais especificamente do Estado do Mato Grosso do Sul, agregando valor no processo, gerando riqueza não apenas aos associados, mas à sociedade de uma forma geral, há a necessidade de mensurar adequadamente o desempenho econômico e financeiro das cooperativas agropecuárias, bem como explorar as características que estão relacionadas à criação da riqueza dessas organizações.

Apesar da grande atenção dada a aferição do lucro, este se mostra menos informativo, pois mensura apenas a participação dos proprietários nos resultados das atividades das empresas, o valor adicionado por outro lado apresenta outra dimensão, pois determina a remuneração aos funcionários, fornecedores, associados, governo, ou seja, ao esforço coletivo de capital administração e funcionários. (MANDAL; GOSWAMI, 2008)

Para que os índices propiciados pela DVA sejam utilizados, é necessário verificar a influência que as características das cooperativas causam sobre eles, bem como de que forma a influência deve ser tratada e o possível impacto na utilização desses índices. (LONDERO; BIALOSKORSKI NETO, 2016)

Assim a pesquisa teve por objetivo analisar a geração e distribuição do valor adicionado e sua relação com os índices econômico-financeiros relevantes na avaliação de desempenho das

cooperativas agropecuárias do Estado de Mato Grosso do Sul, buscando responder à seguinte questão investigativa: Quais os fatores determinantes da geração de riqueza de cooperativas agropecuárias do estado de Mato Grosso do Sul? A pesquisa contempla as cooperativas agropecuárias do estado, cuja análise documental realizada compreendeu o período de 2011, 2012 e 2013. Pretende-se contribuir para a geração de conhecimento geral sobre as cooperativas sul-mato-grossenses, como também ajudar a entender a criação e distribuição de riquezas realizadas pelas cooperativas agropecuárias do Estado.

O estudo utilizou uma revisão da literatura de modo a contemplar estudos que tenham discorrido sobre a avaliação de desempenho de cooperativas, por meio de indicadores, onde são apontadas as hipóteses da pesquisa, em seguida são descritos os procedimentos metodológicos, o resultados e discussão e por fim as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA DAS HIPÓTESES

Cooperativas são um tipo de organização que conta com uma função objetivo mais difusa, pois têm que atender as necessidades dos seus proprietários não apenas pelo resultado econômico, mas também pela qualidade dos produtos e serviços oferecidos aos seus usuários, o desempenho do gestor não pode ser avaliado simplesmente pelos resultados contábeis da cooperativa. (SERIGATI, 2008)

De acordo com Santos (1986), dadas as peculiaridades das cooperativas, provocadas por seus princípios doutrinários, é necessário que, ao avaliar a situação econômica desses empreendimentos, sejam consideradas as intenções específicas da empresa cooperativa.

Objetivo esse que não é o lucro e tampouco a remuneração do capital dos associados (rentabilidade), mas a produtividade e os serviços que são oferecidos aos cooperados.

Em se tratando de cooperativas os indicadores tradicionais deveriam ser ajustados à realidade, à natureza e à estrutura de capital das organizações antes da análise dessas entidades. A análise tradicional de avaliação de desempenho financeiro é considerada um padrão na mensuração do desempenho dos empreendimentos cooperativos, apesar de apresentar alguns problemas inerentes a sua estrutura. (BIALOSKORSKI NETO; NAGANO; MORAES, 2006)

A utilização de indicadores econômico-financeiros provenientes de dados de balanço patrimonial para se avaliar a situação financeira ou, até mesmo, para se determinar a eficiência empresarial das cooperativas tem sido bastante comum nos últimos anos. Nessa linha, merecem destaque os trabalhos de Menegario (2000), Carvalho e Bialoskorski Neto (2007), e Oliveira Júnior (1996).

Oliveira Júnior (1996) desenvolveu um padrão de análise de eficiência para as organizações cooperativas, utilizando indicadores econômicos financeiros e sociais. Subdividido em dois módulos interdependentes: primeiro abrangendo a avaliação da eficiência econômico-financeira, e no segundo a avaliação da eficiência político-social. A conclusão do estudo afirma que os resultados satisfatórios para organização são por consequência positivos para os associados.

Na mesma linha de estudos proposta por Oliveira Junior (1996), Menegário (2000) desenvolve seu estudo sobre o emprego de indicadores sócio econômicos na avaliação financeira de 31 cooperativas agropecuárias. Nesse estudo, ele afirma que os indicadores socioeconômicos,

interferem na previsão de inadimplência de cooperativas e que sua inclusão em modelos que utilizam apenas indicadores econômico-financeiros, como índices de estrutura e de liquidez, melhoram o nível de acerto. Utilizando-se de uma ferramenta diferente dos estudos citados, Pinto (2014) apresenta seu trabalho com o objetivo de identificar a relação entre o valor adicionado produzido pela cooperativa e os índices econômico-financeiros relevantes na avaliação de desempenho das cooperativas agropecuárias, através da regressão de dados em painel, a autora utilizou variáveis de tamanho, rentabilidade e network, os resultados evidenciam a contribuição dos índices econômico-financeiros para explicar a riqueza gerada pelas cooperativas.

Portanto, percebe-se que para a mensuração do desempenho econômico-financeiro das cooperativas, deve-se considerar os indicadores que apontem para o tamanho da organização. Dessa forma, evidencia-se a seguinte hipótese:

Hipótese 1 – O valor adicionado criado pela cooperativa é positivamente associado ao tamanho da cooperativa.

Gimenes e Uribe-Opazo (2001) tratam da descrição e da análise comparativa de modelos de previsão de insolvência para sociedades cooperativas agropecuárias, utilizando-se de técnicas estatísticas multivariadas de análise discriminante e de probabilidade condicional, os resultados revelaram que os demonstrativos contábeis podem fornecer informações relevantes sobre o processo de deterioração dos índices financeiros e, conseqüentemente, da situação financeira das organizações.

Outro estudo importante para a mensuração de desempenho em cooperativas realizada por Carvalho e Bialoskorski Neto (2007) sobre a análise de desempenho em cooperativas

agropecuárias no Estado de São Paulo, identificou por meio de análise fatorial, os indicadores contábeis mais significativos na avaliação e no acompanhamento do desempenho das mesmas. Os três fatores criados a partir desses 10 indicadores foram: liquidez, margem e rentabilidade, endividamento. A partir desses, os autores conseguiram determinar um ranking de desempenho das cooperativas agropecuárias, bem como um efetivo padrão de comparação entre as mesmas.

O grau de endividamento foi inserido para mensurar a alavancagem das cooperativas, visando demonstrar que quanto maior a quantia de capital de terceiros, maior será a geração de riqueza pelas cooperativas. (OLIVEIRA JUNIOR, 1996; PINTO, 2014). Portanto, destaca-se a segunda hipótese:

Hipótese 2 – O valor adicionado criado pelas cooperativas é positivamente associado ao grau de endividamento.

Magro et al. (2015), com o objetivo de estabelecer um ranking das cooperativas agropecuárias com base nos indicadores econômico-financeiros e a relação com atributos de governança corporativa, desenvolveram um estudo com 25 cooperativas agropecuárias da região sul do país, utilizando-se de dados de 2013. Foram analisados 3 grupos de indicadores econômico-financeiros: “Estrutura de Capital”, “Liquidez” e “rentabilidade”. Os resultados indicaram o rol de cooperativas que apresentaram melhores posicionamentos com base nos indicadores de desempenho econômico-financeiro, os autores concluem que a separação de propriedade e controle está relacionada com o desempenho econômico-financeiro.

Bialoskorski Neto et al. (2006), obtiveram classificações financeira e de risco das cooperativas agropecuárias próxima ao obtido pelo índice de Kanitz. Ao mensurar o

desempenho socioeconômico de 45 cooperativas agropecuárias do estado do Paraná, por meio da utilização de Redes Neurais Artificiais (RNA). Partindo de 123 variáveis disponíveis, foram selecionadas 28 para cinco diferentes modelos: Classificação socioeconômica; Classificação de gestão empresarial; Classificação social, educacional e participação; Classificação de Risco e Classificação de profissionalização. De acordo com os resultados obtidos, os autores concluíram que as variáveis econômico-financeiras foram mais importantes para explicar o desempenho social das cooperativas agropecuárias do que as variáveis sociais.

A utilização de indicadores de rentabilidade conforme observado nos estudos de Magro et al. (2015), Pinto (2014) e Bialoskorki Neto et al. (2006), foram utilizados para explicar a relação do desempenho econômico-financeiro com os aspectos sociais das organizações e para tanto podem ser utilizados para explicar a criação de riqueza nas cooperativas. Assim tem-se a terceira hipótese do estudo:

Hipótese 3 – O valor adicionado é positivamente relacionado a rentabilidade da cooperativa.

Medeiros, Andrade e Faria (2015), analisaram a rentabilidade e a criação de valor de uma empresa brasileira de capital aberto, utilizando-se de indicadores de liquidez, rentabilidade, endividamento e atividade. O objetivo do estudo foi verificar quais foram as políticas e estratégias financeiras utilizadas por uma empresa brasileira de capital aberto inserida no setor de cosméticos que influenciaram em sua rentabilidade e criação de valor. Constatado a incidência do indicador de atividade os gestores tiveram um bom desempenho adotando medidas visando a alavancagem sem que houvesse comprometimento na criação de valor aos proprietários.

Tabela 1– Índices do Valor Adicionado

	Fórmula	Descrição
Grau de Capacidade de Produzir Riqueza	$GCPR = \frac{VALPE}{VAT} x100$	É a relação entre o valor adicionado líquido produzido pela entidade e o valor adicionado total a distribuir
Grau de Riqueza Recebida em Transferência	$GRRT = \frac{VART}{VAT} x100$	É a relação entre o valor adicionado recebido em transferência pela entidade e o valor adicionado total a distribuir
Grau de Contribuição na Formação de Riqueza de Outras Entidades	$GCFROE = \frac{IAT + Rt}{RC} x100$	É a soma do valor dos insumos adquiridos de terceiros e as retenções divididos pela receita
Grau de Participação dos Empregados na Riqueza Gerada	$GPERG = \frac{VALPE}{QE}$	É a relação entre o valor adicionado líquido produzido pela entidade e a quantidade de empregados.
Grau de Contribuição dos Ativos na Geração de Riqueza	$GCAGR = \frac{VAT}{AT} x100$	É a relação entre o valor adicionado total a distribuir e o ativo total.
Participação dos Empregados no Valor Adicionado	$PEVA = \frac{VADE}{VAT} x100$	é a relação entre o o Valor Adicionado distribuído aos empregados sobre a o valor adicionado a distribuir
Participação do Governos no Valor Adicionado	$PGVA = \frac{VADG}{VAT} x100$	é a relação entre o Valor Adicionado Distribuído aos Governos sobre o Valor Adicionado total a Distribuir
Participação de Terceiros no Valor Adicionado	$PTVA = \frac{VADT}{VAT} x100$	é a relação entre o Valor Adicionado Distribuído a Terceiros sobre o Valor Adicionado Total a distribuir.
Participação de Acionistas/Associado no Valor Adicionado	$PAVA = \frac{VADA}{VAT} x100$	é a relação entre o Valor Adicionado Distribuído aos associados sobre o Valor Adicionado Total a distribuir.

Fonte: Baseada em Dalmácio, 2004.

GRVA – Grau de Retenção do Valor Adicionado (VA)
 LR – Lucro Retido
 VAT – VA Total
 GCPR – Grau de Capacidade de Produzir Riqueza
 VALPE – VA Líquido Produzido pela Entidade
 GRRT – Grau de Riqueza Recebida em Transferência
 VART – VA Recebido em Transferência
 PEVA - Participação de Empregados no VA

PGVA - Participação de Governos no VA
 PTVA - Participação de Terceiros no VA
 PAVA - Participação de Acionistas/Associado no VA
 VADE – VA Distribuído aos Empregados
 VADG – VA Distribuído aos Governos
 VADT – VA Distribuído a Terceiros
 VADA – VA Distribuído aos Associados
 VAT – VA Total

O estudo de Carvalho e Bialoskorski Neto (2007) apontam que o “Fator Atividade” foi responsável por 22% de explicação nas variações totais dos indicadores utilizados na pesquisa, com o mesmo objetivo de analisar o desempenho gerencial das cooperativas Pinto (2014) também utiliza um indicador de atividade, analisando o impacto da atividade no desempenho econômico-financeiro das entidades. Destaca-se, portanto, a quarta hipótese da presente investigação:

Hipótese 4 – O valor adicionado é positivamente relacionado à atividade da cooperativa.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A pesquisa limitou-se às cooperativas agropecuárias localizadas no Estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil. Atualmente de acordo com a OCB/MS, existem 47 cooperativas agropecuárias cadastradas. A partir do banco de dados do Observatório de Cooperativas FEA/USP, procurou-se as cooperativas que apresentavam informações de pelo menos dois períodos e que dispusessem de todas as informações financeiras necessárias a realização da análise proposta. Assim, a amostra final é composta por 17 cooperativas agropecuárias do Estado de Mato Grosso Sul.

Para análise da DVA, foram utilizados índices de acordo com Dalmácio (2004), que permitem estabelecer uma inter-relação entre várias contas das demonstrações contábeis, proporcionando uma análise sob diversos ângulos (Tabela 1).

Para análise da relação dos índices econômico-financeiros com a riqueza criada, foi utilizada a técnica estatística de dados em painel, pois este é um método que explora a dinâmica da mudança temporal e possui grande poder informativo (GUJARATI; PORTER, 2011). Apesar de ser uma técnica formulada e mais utilizada pela área da

economia, essa regressão vem sendo utilizada para as áreas de finanças e contabilidade, devido à natureza dos dados disponíveis

O software utilizado para aplicar os testes necessários e a regressão dos dados em painel será o Stata 13.0. Software que compila e interpreta dados econométricos. Os dados em painel ou como dados longitudinais ou corte transversal de séries temporais, consistem em observações repetidas ao longo do tempo de várias unidades de corte transversal. Essa técnica possui vantagens sobre modelos de séries temporais e cross-section, por exemplo, o maior controle sobre a heterogeneidade dos indivíduos, a melhor inferência dos parâmetros estimados e a facilidade em desvendar as relações dinâmicas entre as variáveis (WOOLDRIDGE, 2006).

Foram inseridas no software 17 (cooperativas) unidades de corte transversal e, para cada unidade de corte transversal, há pelo menos 2 anos de observações, 2011 e 2012. Para 12 dessas organizações há dados referentes a 2013, resultando em um total de 46 observações.

Buscou-se a relação entre a riqueza criada e tamanho, rentabilidade, alavancagem. Como proxy para tamanho, inicialmente, selecionou-se as variáveis, volume de vendas e ativo total, utilizadas também no estudo de Pinto (2014).

Como proxy para alavancagem, foi selecionado o índice grau de endividamento, por ser um dos índices definidos por Carvalho (2008) e utilizado também por Pinto (2014), sendo delimitado como sendo um dos índices indispensáveis para análise do desempenho de cooperativas agropecuárias.

O índice de grau de endividamento corresponde à relação entre o capital de terceiro e o capital total. Expressa quanto o endividamento da empresa representa em relação aos recursos totais. Carvalho (2008), considerou esta como uma variável de alavancagem, pois está

relacionado à intensidade em que uma cooperativa utiliza recursos de terceiros em vez de recursos próprios.

Como proxy de rentabilidade, optou-se pela Margem Líquida, por ser o índice utilizado por Carvalho (2008), ao analisar os índices tradicionais que as cooperativas do Estado de São Paulo devem possuir para monitorar o seu desempenho e, também, por Sabadin (2006) ao analisar os índices para uma avaliação de desempenho favorável para as cooperativas do

índices a estar presente na análise de desempenho efetuada pelos gestores das cooperativas agropecuárias, conforme Carvalho (2008), visa informar aos gestores e tomadores de decisão, a velocidade com que as empresas desenvolvem o giro de ativo em relação às vendas (SABADIN, 2006).

Busca-se, então, a relação entre a Riqueza Criada e os demais índices de avaliação de desempenho financeiro, conforme relacionados na definição das variáveis, assim obteve-se o seguinte modelo:

$$RC = \beta_0 + [\beta_1 VV]_{it} + [\beta_2 AT]_{it} + [\beta_3 G.end]_{it} + [\beta_4 Marg.Liq]_{it} + [\beta_5 GAT]_{it} + e_{it} \quad (10)$$

Onde:

RC = Riqueza criada;

β_0 = valor da constante que não é explicado pelas variáveis;

I: unidade de observação;

T: unidade de tempo;

RC: Riqueza criada por associado

VV: Volume de vendas

AT: Ativo total

G.end : Grau de individualidade

Marg. Liq.: Margem líquida

GAT: Giro do ativo total

E: termo de erro

Estado de São Paulo e por Pinto (2014), ao analisar a DVA das maiores cooperativas brasileiras apresentadas no ranking da Revista Exame: Maiores e Melhores de 2008 a 2012. A margem líquida (ML) ou margem de vendas, corresponde à relação entre o lucro líquido (LL) e as vendas líquidas (VL), conforme Santos, Schimdt e Martins (2006) indica quanto a empresa lucrou após a dedução de todas as despesas.

Para melhor visualizar como as atividades da cooperativa estão sendo desenvolvidas, conta-se com o índice do giro total do ativo total, que indica a eficiência com que a empresa usa seus ativos para gerar vendas, definida assim como a Proxy de desempenho gerencial. Esse é um dos

Através dessas análises pode-se relacionar o valor adicionado produzido e os índices econômico-financeiros, considerados relevantes na avaliação de desempenho das cooperativas agropecuárias sul-mato-grossenses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir são apresentados os resultados da pesquisa e primeiramente a estatística descritiva que explora as cooperativas e suas características, o Valor adicionado e os índices de desempenho econômico-financeiro já definidos. Em seguida, são apontados os índices do valor adicionado demonstrando as formas de geração e

distribuição da riqueza criada e por último são apresentados os resultados da análise do modelo de dados em painel, onde é demonstrada a relação entre os índices econômico-financeiros com a criação de valor das cooperativas agropecuárias.

Análise Descritiva

A seguir é apresentada a Tabela 2 – O valor adicionado e as características das cooperativas, demonstrando os valores médios do valor adicionado, número de funcionários, associados, idade, região de inserção e os produtos comercializados pelas cooperativas.

A estratificação por região de inserção, segue a proposta “Estudo da Dimensão Territorial do Estado de Mato Grosso do Sul: Regiões de Planejamento”, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico do Estado de Mato Grosso do Sul (2015).

Em média as cooperativas possuem cerca de 180 cooperados, a entidade com menor número de associados possui 25 inscritos e a maior, 882. Todas produzem pelo menos 4 produtos, os principais são: Milho e soja, com 94% de inserção, sorgo produzido por 76,4% da amostra, algodão e suínos fornecidos por quase 30% das cooperativas, leite gerado por 23% e trigo e feijão produzido por 12% das entidades.

A cooperativa “N”, alcançou o maior valor adicionado, sendo a 3ª mais antiga e em número de funcionários. A cooperativa “M” apresentou maior evolução na geração de riqueza partindo de R\$ 34mil em 2011 para cerca de R\$ 682mil em 2013, a organização é a 5ª mais antiga e a 11ª em número de cooperados.

Em 2011, as cooperativas obtiveram valor adicionado a distribuir (riqueza gerada total) de

R\$ 90.276.809,26, o que representou média de R\$ 5.310.282,25 por cooperativa. No entanto, neste caso a média pode não fornecer uma visão real tendo em vista a heterogeneidade em relação ao tamanho das entidades em estudo, pois em relação aos valores nominais apenas 4 cooperativas são responsáveis por 85% do valor total. Dessa forma o cálculo da mediana nos auxilia na compreensão do contexto, neste período o valor foi de R\$ 757.851,16.

Em 2012, o valor adicionado foi de R\$ 94.126.327,19, aumento de 4% em relação ao exercício anterior, a média foi de aproximadamente R\$ 5 milhões e meio e mediana de R\$ 1.053.169,59.

No exercício 2013, 12 cooperativas apresentaram as informações para a DVA, o valor adicionado total foi de R\$ 21.470.829,39, acréscimo de 17% em relação ao exercício anterior (considerando apenas as 12 cooperativas), o VA médio foi de R\$ 1.789.235,78 com mediana de R\$ 993.612,98.

A DVA segue os princípios fundamentais de contabilidade e é elaborada a partir dos registros realizados em demonstrações tradicionais. Enquanto a Demonstração do Resultado do Exercício evidencia o lucro, ou seja, apenas a parcela de riqueza que permanece na organização, a DVA é capaz de indicar o valor que a cooperativa está adicionando e a forma como o mesmo é distribuído. (DALMACIO, 2004)

A seguir (Tabela 3) são apresentados os índices que descrevem a geração de riqueza das cooperativas: o Grau de capacidade de produzir riqueza (GCPR), Grau de riqueza recebida em transferência (GRRT), Grau de contribuição na formação de riqueza de outras entidades (GCFROE), Grau de contribuição do Ativo na Geração de Riqueza (GCAGR).

Tabela 2 – O valor adicionado e características das cooperativas

COOP	Valor Adicionado	Funcionários	Associados	Idade	Região	Produtos
Coop N	R\$ 53.292.532,48	145,3	602	34	Cone Sul	algodão, milho, soja, trigo
Coop P	R\$ 9.858.653,50	4	42,5	8	Bolsão	algodão, milho, soja, sorgo
Coop Q	R\$ 8.139.266,33	19,3	40	8	Bolsão	algodão, milho, soja, sorgo
Coop A	R\$ 7.702.224,57	61	25	51	CG	ovos de galinha, ovos de codorna, milho e soja
Coop H	R\$ 3.984.291,01	12,7	96	11	Norte	milho, soja, algodão, sorgo
Coop E	R\$ 2.046.838,90	12,3	826	15	Leste	leite, milho, soja, trigo
Coop J	R\$ 1.861.408,68	343	86,6	9	GdeDour.	milho, soja, sorgo, suínos
Coop I	R\$ 1.589.144,81	10,3	145	20	Sul Front.	milho, soja, sorgo, suínos
Coop B	R\$ 937.325,50	10,3	121	78	CG	frutas, hortaliças, legumes e leite
Coop D	R\$ 921.519,25	7	42	17	GdeDour.	milho, soja, sorgo, feijão
Coop G	R\$ 830.124,30	25,7	45	15	Leste	milho, soja, sorgo, suínos
Coop K	R\$ 362.379,82	77,7	122	18	GdeDour.	milho, soja, algodão, sorgo
Coop F	R\$ 328.717,89	2	88,3	17	Bolsão	milho, soja, sorgo, feijão
Coop M	R\$ 241.946,74	8	55	22	Bolsão	leite, milho, soja, sorgo
Coop O	R\$ 204.090,18	8,7	44	2	Norte	milho, soja, sorgo, suínos
Coop L	R\$ 155.477,09	5	524,3	18	GdeDour.	leite, milho, soja, sorgo
Coop C	R\$ 146.427,88	18	834	24	Bolsão	milho, soja, sorgo, suínos

Fonte: Elaborada pelos autores de acordo com dados da pesquisa.

A estratificação por região de inserção, segue a proposta “Estudo da Dimensão Territorial do Estado de Mato Grosso do Sul: Regiões de Planejamento”, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico do Estado de Mato Grosso do Sul (2015).

Tabela 3– Geração de riqueza

	2011			
	G CPR	GRRT	GCFROE	GCAGR
Mínimo	68%	0%	77%	-7%
Máximo	100%	32%	100%	61%
Média	93%	7%	91%	22%
Mediana	97%	3%	90%	17%
Desvio Padrão	9%	9%	7%	20%
	2012			
	G CPR	GRRT	GCFROE	GCAGR
Mínimo	58%	0%	68%	1%
Máximo	100%	42%	100%	140%
Média	93%	7%	92%	26%
Mediana	97%	3%	93%	16%
Desvio Padrão	11%	11%	7%	32%
	2013			
	G CPR	GRRT	GCFROE	GCAGR
Mínimo	57%	0%	75%	2%
Máximo	100%	43%	100%	67%
Média	95%	5%	93%	24%
Mediana	100%	0%	95%	15%
Desvio Padrão	12%	12%	7%	21%

Fonte: Elaborada pelos autores de acordo com dados da pesquisa.

O primeiro índice apresentado na tabela é o GCPR – Grau de Capacidade de Produzir Riquezas, por meio deste pode-se demonstrar a capacidade da entidade em produzir riqueza, os valores de entrada e a forma como os gestores utilizam os recursos da cooperativa na geração de riqueza. Para efetuar-se o cálculo utiliza-se valor adicionado líquido produzido pela entidade dividido pelo valor adicionado total a distribuir multiplicado por 100. Observa-se que tanto a média quanto a mediana o variam pouco nos 3 anos, a média parte de 93% em 2011 e 2012 e chega a 95% em 2013, ou seja, capacidade da empresa em gerar sua própria riqueza aumenta. A média relação ao percentual de riqueza produzida é semelhante ao encontrado em outros estudos sobre cooperativas, como: Figari e Bialoskorski Neto, (2015) 92,88% e Londero e Bialoskorski Neto (2016), 91,87%.

A diferença do valor adicionado recebido em transferência que é dividido pelo valor adicionado total, resulta o índice GRRT – Grau de Riqueza Recebida em Transferência, em que se calcula o percentual recebido em transferência pela entidade. Analisando-se os cálculos, nota-se que o índice sofre uma leve queda, ou seja, a média passou de 7% em 2011 e 2012 para 5% em 2013. Em consequência disso, pode-se concluir que em média as cooperativas aumentaram a sua capacidade de produzir riqueza. As cooperativas, em média, geram 94% da riqueza internamente, apenas 6% são recebidos em transferência, o que evidencia a autonomia das organizações.

Em relação ao Grau de Contribuição na Formação de Riquezas de Outras Entidades – GCFROE, demonstrar o percentual de contribuição de uma entidade na formação de riquezas de outras entidades, em outras palavras, indica quanto da riqueza gerada pela Cooperativa está sendo transferida para outras entidades por meio da aquisição de insumos, por exemplo: valor

repassado aos fornecedores de matéria-prima; mercadorias; serviços e outros. Para efetuar o cálculo desse índice utiliza-se o valor dos insumos adquiridos de terceiros multiplicado pelas retenções, dividido pelas receitas multiplicado por 100. Percebe-se que as cooperativas contribuem de forma significativa para a formação da riqueza das entidades, em 2011 o índice foi de 91% e teve leve aumento chegando a 93% em 2013, esses índices são semelhantes aos que indicam a capacidade de produzir riqueza, pois é a capacidade de geração de riqueza pela cooperativa, mas que está sendo transmitida aos fornecedores.

O valor adicionado total a distribuir dividido pelo valor do ativo total informa o Grau de Contribuição dos Ativos na Geração de Riqueza - GCAGR. Pode-se constatar, que esse índice oscilou de 22% em 2011 para 26% em 2012, reduzindo para 24% em 2013, não apresentou alterações significativas durante os três anos analisados, pois ficou com uma média de 24%.

Segundo Dalmácio (2004) o grau de contribuição do ativo na geração de riqueza indica o quanto a empresa obteve de valor adicionado total em relação ao capital próprio, apresentando o potencial do capital próprio para a geração de riqueza de uma entidade. Dessa forma a média, para os 3 anos de estudo, de contribuição do ativo total foi de 24%.

Modelo de Dados em Painel

Como pode ser observado na Tabela 4, na qual apresenta-se a matriz de correlação entre as variáveis selecionadas inicialmente, encontram-se em negrito a alta correlação entre as variáveis ativo total e volume de vendas. As variáveis com alta correlação, possuem multicolinearidade e, se inseridas ao mesmo tempo na regressão, podem interferir nos resultados.

Tabela 4- Matriz de Correlação

	Volume de Vendas	Ativo total	Grau de Endiv.	Margem Liquida	Giro do Ativo Total
Volume de Vendas	1				
Ativo total	0,9658	1			
Grau de Endiv.	0,2885	0,1382	1		
Margem Liquida	-0,1931	-0,1345	-0,3852	1	
Giro do Ativo	0,0742	-0,1047	0,3811	-0,2025	1

Fonte: resultados da pesquisa, elaborada pela autora com ajuda do Stata 13.

De acordo com Gujarati e Porter (2011) a alta correlação entre pares de regressores, ou seja, que apresentam coeficientes maiores que 0,8, ensejará um problema sério para o modelo e dessa forma foi realizada a correção conforme tabela 5.

Tabela 5 - Seleção de variável.

VV	Coeficiente	Erro Padrão	t	P>T
AT	1.03567	0,05288	24,69	0,000**
Cons	1.1e+07	3574017	3,11	0,003
Observações.	46			
R ²	0,9312			

Fonte: resultados da pesquisa, elaborada pela autora com ajuda do Stata 13

** significativo a 5%

De acordo com os procedimentos descritos foi excluída do modelo a variável Ativo Total, permanecendo quatro regressores: Volume de Vendas, Grau de Endividamento, Margem Líquida e Giro do Ativo Total.

Para selecionar a melhor especificação dos modelos, primeiro estimou-se os modelos MQO agrupado (pooled) e efeitos fixos para testar, através do teste Chow (teste F), a hipótese nula de que o modelo pooled é preferível a efeitos fixos. No segundo passo, estima-se o modelo com efeitos aleatórios e, utilizando-se o teste Breusch-Pagan, testa-se a hipótese nula de que o modelo pooled é preferível ao modelo com efeitos aleatórios. O terceiro passo consiste em verificar pelo teste de Hausman a hipótese nula de que o estimador de efeitos aleatórios, é preferível ao estimador do modelo com efeitos fixos.

O quarto passo consiste em se testar para autocorrelação dos erros via teste proposto por

Wooldridge (2006). Os modelos pooled, efeitos fixos e aleatórios, foram testados, agora define-se qual entre eles é melhor. Para tanto foram realizados os testes: Chow, Hausman, LM de Breusch-Pagan e Wooldbridge.

O modelo considerado padrão pelos testes foi o Modelo Pooled (Tabela 6), que aponta o resultado da regressão de dados em painel, onde serão demonstrados também os resultados para os modelos de efeito fixo e aleatórios apenas para comparar os estimadores. São apresentados os coeficientes, erro padrão, o teste T e o p-valor.

O modelo tem um alto poder de explicação, uma vez que 98,82% da variabilidade da Riqueza criada pode ser explicada por variações conjuntas das variáveis independentes.

Observa-se que a relação positiva entre Riqueza Criada - RC e a variável Volume de Vendas, significativa ao nível de 5%, evidenciando que a cada aumento de R\$ 1,00 no Volume de vendas a

Tabela 6- Resultado da regressão de dados em painel, modelo pooled

Variáveis	Pooled	Efeito Fixo	Efeito Aleatório
	(Dados Empilhados /MQO)		
Coeficientes(erro padrão)			
Volume de vendas	0,1282** (0,00215)	0,1280** (0,00211)	0,1282** (0,00492)
Grau de Endividamento	-31986,99** (8120,052)	-30856,19** (8296,25)	-31986,99** (8120,05)
Margem Liquida	-200361 ^{NS} (4746250)	1290545 ^{NS} (5078336)	-20036 ^{NS} (4746250)
Giro do Ativo Total	-46972,26 ^{NS} (80301,02)	-49759,37 ^{NS} (81001,43)	-46972,26 ^{NS} (80301,02)
Cons	905773,8*** (467896,3)	828203,70* (479372,9)	905773,8*** (467896,3)
R ²	0,9882	0,9892	0,9892
F (4, 41) =	942,73		
BreuschPagan		0,85	
Teste Chow		1,67	
Teste de Hausman: chi ²	1,09		
Teste de Wooldridge	-0,83		

Fonte: resultados da pesquisa, elaborada pela autora com ajuda do Stata 13.

Nota: *Significativo a 1%; ** significativo a 5%; *** significativo a 10% e NS não significativo.

Relatório emitido pelo software Stata13.

Riqueza Criada aumenta em R\$ 0,12. Em comparação aos modelos de efeito fixo e aleatório, também constata-se alto poder de explicação, onde 98,82% da variação da criação de riqueza é explicada pelas variáveis inseridas nos modelos. Observa-se comportamento semelhante em relação ao volume de vendas e a criação de riqueza, dessa forma não rejeita-se a hipótese 1, de que o valor adicionado criado pela cooperativa é positivamente associado ao tamanho da cooperativa.

Resultado semelhante aos estudos de Pinto (2014), lembrando que a referida pesquisa tem como amostra as maiores cooperativas listadas pela revista Exame, enquanto o estudo de Dallabona; Kroetz; Mascarello (2014) buscou empresas listadas na BM&Bovespa, as variáveis

definidas para mensurar o tamanho da cooperativa apresentaram relação positiva em relação a riqueza produzida.

No modelo pooled a variável grau de endividamento demonstra relação negativa, significativa ao nível de 5% , em relação a riqueza criada, dessa forma o aumento no endividamento reduz em R\$ 31.986,99, a criação de riqueza das cooperativas. O mesmo ocorre nos modelos de efeitos fixo e efeitos aleatórios. Assim rejeita-se a hipótese 2, de que o valor adicionado criado pelas cooperativas é positivamente associado ao grau de endividamento. No estudo desenvolvido por Correa, Assaf Neto e Lima (2013), com o objetivo de avaliar quais os indicadores estão mais relacionados à geração de valor, os resultados indicam que o setor no qual a empresa atua pode

alterar a relevância dos indicadores financeiros, ou seja, em certos setores podem ser direcionadores de valor específicos. Por exemplo, no setor de alimentos e bebidas, os indicadores que mais explicam a geração de valor foram o índice de endividamento.

Nos estudos de Pinto (2014) e Dallabona; Kroetz; Mascarello (2014) as variáveis de alavancagem não foram significativas na explicação da riqueza criada pelas cooperativas.

Dentre as variáveis inseridas no modelo para mensurar a rentabilidade das cooperativas agropecuárias está a margem líquida, que não demonstrou relação significativa com a variável dependente, portanto não exerce efeito na criação de riqueza das entidades. O mesmo comportamento é observado quanto ao modelo de efeitos aleatórios. Dessa forma rejeita-se a hipótese de que a Criação de riqueza é positivamente relacionada a rentabilidade da cooperativa.

No estudo de Pinto (2014) a relação entre a rentabilidade, utilizando a proxy de margem líquida foi positiva, diferentemente com o resultado encontrado por Dallabona, Kroetz e Mascarello (2014) que revelou que essa variável não foi significativa no modelo desenvolvido. Comportamento semelhante ao da variável de atividade "Giro do Ativo Total", que no modelo proposto não foi significativa, dessa forma também não exerce efeito na geração de riqueza das cooperativas. Dessa forma rejeita-se a hipótese de que a Criação de riqueza é positivamente relacionada a rentabilidade da cooperativa e a hipótese de que a criação de riqueza é positivamente relacionada a atividade da cooperativa.

A constante possui valor positivo, expressando a riqueza criada independente das variáveis contábeis, ou seja, mesmo que as variáveis contábeis

tivessem valor igual a zero, as cooperativas teriam valor adicionado de R\$ 905.773,80. Verificou-se que as variáveis que apresentaram maior relação com criação de riqueza das cooperativas são: volume de vendas e grau de endividamento. Ressalta-se que apesar de ter sido excluída do modelo, a variável ativo total contribui de forma indireta para a geração de riqueza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa almejou contribuir para a análise dos dados da Demonstração do Valor Adicionado e, assim, analisar a produção e a distribuição de riqueza entre os stakeholders das cooperativas agropecuárias e a relação com os índices econômico financeiros. Para tanto foram sugeridos índices, os quais permitem ao usuário externo efetuar análises desta demonstração financeira e, assim, abstrair informações complementares para o seu processo decisório, principalmente relacionado com a riqueza criada pela entidade.

Por meio dos dados obtidos verificou-se que, quanto às fontes de riquezas, a capacidade de gerar riqueza é da própria cooperativa, sendo em média responsável por 94% da riqueza é produzida por essas entidades e, apenas, 6 % é recebida de transferências. Quanto à distribuição da riqueza, a maior parte da riqueza das cooperativas destina-se aos empregados, com uma média nos três anos de 43%. Quase na mesma proporção está a contribuição das organizações ao governo, com média de 42% da riqueza. As cooperativas distribuem em média 31% da riqueza aos associados. E por fim, distribuem 6% de sua riqueza para terceiros.

Os índices de desempenho econômico-financeiro utilizados na pesquisa, revelaram que relação

entre o volume de vendas e a geração e riqueza é positiva, enquanto a relação ao endividamento é negativa, este último sendo diferente do que ocorre em estudos semelhantes. A capacidade de investimento aumenta o potencial de retorno da empresa, uma vez que ampliam o volume de ativos e a capacidade de geração de receitas, podendo apontar para maior rentabilidade ou lucros, no caso presente o valor adicionado das cooperativas, mas diferente do esperado a relação demonstrou-se negativa. Essa relação pode evidenciar algum problema no gerenciamento das fontes de capital das cooperativas ou que os investimentos são para o longo prazo, para explorar essa relação seria necessário a investigação da alavancagem verificando a tendência da dívidas em comparação a outros indicadores que não foram utilizados neste estudo.

Em relação às limitações do presente estudo, pode-se apontar sua validade somente para a situação analisada, não podendo haver uma generalização dos resultados, visto que cada cooperativa possui suas particularidades. Todavia, o modelo exposto pode ser de grande relevância e utilidade para as cooperativas, uma vez que assim, pode-se ter uma visão mais clara de como é originada a riqueza das cooperativas e de como as organizações direcionam esta riqueza aos seus stakeholders.

Como proposta final, salienta-se a necessidade de se continuar pesquisando os fatores determinantes de geração de riqueza através da DVA, tendo em vista os resultados obtidos e comparando-os com outras pesquisas realizadas onde são encontrados comportamentos diferentes envolvendo os índices econômico-financeiros. Também ressalta-se a relevância de se normatizar a metodologia de elaboração, apresentação e análise desta demonstração e uniformizando, assim, este processo, no intuito

de ampliar o nível de confiabilidade e comparabilidade da DVA e portanto dos fatores a serem explorados.

REFERÊNCIAS

BIALOSKORSKI NETO, S.; NAGANO, M. S.; MORAES, M. B. da C. Eficiência econômica de cooperativas agropecuárias: um modelo de análise utilizando-se redes neurais. Anais... XL Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Passo Fundo. 2006. Disponível em <http://www.fearp.usp.br/~sig/publicacaoN.html>. Acesso em: 09 jul. 2016

CARVALHO, F. L. de. Indicadores de avaliação de desempenho de cooperativas agropecuárias: um estudo em cooperativas paulistas. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CARVALHO, F. L.; BIALOSKORSKI NETO, S. Identificação dos Principais Indicadores para Avaliação de Desempenho Financeiro de Cooperativas Agropecuárias. Londrina, 22 a 25 de julho de 2007, Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Brasil, 2007.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS (CPC). Pronunciamento técnico CPC 09 - NBC TG 09: Demonstração do Valor Adicionado. Brasília, 30 de outubro de 2008. Disponível em:

<http://static.cpc.mediagroup.com.br/Documents/175_CPC_09.pdf> Acesso em: 08 ago. 2016.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE (CFC). Resolução CFC no 1.138/2008: Aprovou o Pronunciamento Contábil CPC no 9 e a NBC T 3.7 Demonstração do Valor Adicionado, Brasília, 2008. Disponível em: cfc.org.br/sisweb/sre/docs/RES_1138.doc Acesso em: ago. 2016.

CORRÊA, A. A.; ASSAF NETO, A; C.; LIMA, F. G. Os indicadores financeiros tradicionais explicam a geração de valor no Brasil?. Um estudo empírico com empresas não financeiras de capital aberto.

Revista Práticas em Contabilidade e Gestão, v1, n.1, p. 9-39, 2013.

DALLABONA, L. F.; KROETZ, M.; MASCARELLO, G. Relação entre os indicadores de desempenho e o valor adicionado distribuído aos agentes colaboradores de empresas listadas na BM&FBovespa. Revista Catarinense da Ciência Contábil, v. 13, n. 39, p. 49-63, 2014.

DALMÁCIO, F. Z. Indicadores para Análise da Demonstração do Valor Adicionado. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília, DF, v. 1, n.1, p. 89-97, 2004.

DE LUCA, M. M. M.. Demonstração do valor adicionado. 1991. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Controladoria e Contabilidade, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FIGARI, A. K. P.; BIALOSKORSKI NETO, B.. Agregação de valor e distribuição de riqueza aos produtores rurais: o caso de uma cooperativa de cafeicultores. Revista de Gestão e Organizações Cooperativas, Santa Maria, RS, v.2, n.4, jul./dez. 2015

GIMENES, R. M. T.; URIBE-OPAZO, M. A. Previsão de insolvência de cooperativas agropecuárias por meio de modelos multivariados. Revista FAE, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 69-78, set./dez. 2001.

GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. Econometria básica. 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2011.

INTERNATIONAL CO-OPERATIVE ALLIANCE. History of the co-operative movement, 20 - Disponível em: <http://ica.coop/en/whats-co-op/history-co-operative-movement>, Acesso em 10 Abr. 2016

LONDERO, P. R. Demonstração do Valor Adicionado como instrumento de evidência do impacto econômico e social das cooperativas agropecuárias. 2015. 262 f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

LONDERO, P. R.; BIALOSKORSKI NETO, S. Demonstração do Valor Adicionado como

Instrumento de Evidenciação do Impacto Econômico e Social das Cooperativas Agropecuárias. Organizações Rurais & Agroindustriais, v. 18, n. 3, p. 256-272, 2016.

MAGRO, C. B. D.; GORLA, M. C.; KROENKE, A.; HEIN, N. Ranking das Cooperativas Agropecuárias: um Estudo dos Indicadores de Desempenho e a Relação com Atributos de Governança Corporativa. Organizações Rurais & Agroindustriais, v. 17, n. 2, p. 253-268, 2015.

MANDAL, N., GOSWAMI, S.. Value Added Statement (VAS) – a critical analysis. Great Lakes Herald, 2 (2), 98-120, 2008.

MEDEIROS, N. C. D. de; ANDRADE, L. P. de; FARIA, E. R. de. Análise de rentabilidade e criação de valor: Um estudo de caso em uma empresa brasileira de capital aberto no setor de cosméticos. Revista de Administração e Contabilidade da FAT, v. 7, n. 2, p. 41-55, 2015.

MENEGÁRIO, A. H. Emprego de indicadores sócio econômico na avaliação financeira de cooperativas agropecuárias. 2000. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 2000.

OLIVEIRA JÚNIOR, C.C. DE. Avaliação da eficiência empresarial das cooperativas. 3 ed. Curitiba: OCEPAR, 1996.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. Cooperativismo: Evolução no Brasil. Disponível em http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/evolucao_no_brasil.asp. Acesso em 20 jan 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO 2012. Disponível em: <https://www.fao.org/cacrfp.asp> Acesso em 20 jan. 2016.

PINHO, D. B. A empresa cooperativa: análise social, financeira e contábil. São Paulo: Coopercultura, 1986.

PINTO, A. K. A Relação entre a riqueza criada e o desempenho econômico-financeiro das cooperativas agropecuárias brasileiras. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de

Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

SABADIN, A. L.. Análise de indicadores contábeis para avaliação de desempenho favorável: um estudo nas cooperativas do Estado do Paraná. 2006. 254f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

SANTOS, H. S. A análise econômica e financeira da empresa cooperativa. In: PINHO, D. B. (Org.). Empresa cooperativa: análise social, financeira e contábil. São Paulo: Coopercultura, p. 19-36, 1986. SANTOS, J. L. dos; SCHMIDT, P.; MARTINS, M. A.. Fundamentos de Análises das Demonstrações Contábeis. São Paulo: Atlas, 2006. SCHNEIDER, J. O.. Uma proposta para o balanço social das cooperativas - avaliação do desempenho social das cooperativas. Perspectiva Econômica, Unisinos, São Leopoldo, ano XIX, n. 45, p. 67-90, 1984.

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Perfil Estatístico, 2015. Disponível em: <http://www.semade.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/20/2015/12/Perfil-Estatistico-de-MS-2015-revisao.pdf>. Acesso em: 20 ago 2016.

SERIGATI, F. C. Governança corporativa em cooperativas e fidelidade: um estudo empírico com as cooperativas paulistas. Dissertação de Mestrado em economia. São Paulo. Fundação Getúlio Vargas, 2008.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA. Relatório de Gestão 2012. Disponível em: <http://www.brasilcooperativo.coop.br/site/transparenciasescoop/gestaoun/UN-2012.pdf>

WOOLDRIDGE, J. Introdução à econometria: uma abordagem moderna. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.